

Boletim Econômico

SINMETAL

Vol. 123 09/2008



O PIB brasileiro do segundo trimestre de 2008 cresceu 1,6% em relação ao trimestre anterior, totalizando R\$ 716,9 bilhões. Esse aumento vem sendo induzido principalmente pelo consumo, tanto das famílias como do governo, que tem apresentado altas seguidas nos últimos trimestres.

PIB

O PIB brasileiro do segundo trimestre de 2008 cresceu 1,6% em relação ao trimestre anterior, totalizando R\$ 716,9 bilhões que, em comparação ao mesmo trimestre do ano passado significa uma alta de 6,1%. No acumulado do ano, a variação do primeiro semestre foi de 6,0% frente ao mesmo período de 2007. Esses números mostram um desempenho bastante positivo da economia brasileira, que passa pela sua melhor fase desde 2004.

Dos R\$ 716,9 bilhões, o consumo das famílias representa 60% ou R\$ 429 bilhões, numa expansão de 6,7% em relação ao segundo trimestre de 2007. Esse crescimento no consumo tem como fontes principais o crédito à pessoa física que alcançou 12,4% do PIB e o aumento do emprego. Igualmente está o consumo do governo que detém 18,7% de participação do PIB, com R\$ 134,1 bilhões, mostrando uma alta de 5,3%.

O consumo do governo subiu 5,5%, alcançando 18,7% do PIB enquanto o consumo das famílias ficou em 60% do PIB.

Outra fonte de demanda que apresentou crescimento foi a Formação Bruta de Capital Fixo, isto é, a medida que reflete os investimentos no país, que saiu de uma participação de 17,4% do PIB no segundo trimestre de 2007 para 18,7%, significando alta de 16,2% ao atingir R\$ 134,3 bilhões. Este aumento é evidenciado pela procura por máquinas e equipamentos oriundos, tanto da indústria nacional como estrangeira (via importação). Apesar de mostrar bons números, destaca-se que uma das metas da Política de Desenvolvimento Produtivo lançada em maio deste ano é de alcançar uma participação de 21% do PIB até 2010. Partindo do pressuposto de que o governo intenta em aumentar o investimento, políticas monetárias restritivas como o aumento da Taxa Selic para 13,75% ao ano, ocorrido na última semana, apenas confirma a inviabilidade deste objetivo.

Concomitantemente, observa-se um aumento do estoque da economia, atingindo R\$ 16,6 bilhões e um saldo positivo de exportações líquidas, isto é, a diferença entre produtos exportados e importados, de R\$ 2,3 bilhões. Esse resultado deu-se em função de uma melhoria nas exportações frente ao primeiro trimestre e devido ao forte aumento das importações de 25,8% induzido pelo real valorizado.

No entanto, sabe-se que em toda e qualquer transação há sempre um comprador e um vendedor. Com o PIB não poderia ser diferente, isto é, se por um lado o PIB quantifica a demanda (comprador), por outro, ele também mede a oferta (vendedor) de bens e serviços produzidos no período. Desta forma, pode-se avaliar quais foram os setores da economia que expandiram.

A Agropecuária cresceu 7,1% e o Setor de Serviços variou 5,5%. A Indústria apresentou o segundo maior aumento com 5,7%, sendo que a Construção Civil, mais uma vez, vem puxando essa alta, com incremento de 9,9%, em muito impulsionado pelo crédito habitacional. A indústria de transformação, em que o complexo metalmeccânico e eletroeletrônico está inserido, mostrou acréscimo de 4,8% no trimestre frente ao mesmo período de 2007.

Sabe-se que a restrição monetária encabeçada pela alta da Selic não consegue atingir a demanda em crescimento e apenas colabora para a pressão inflacionária. Isto porque, o quadro produtivo brasileiro, com o aumento da Selic, tende a não crescer com a mesma força do consumo, o que gera, em última instância, um descompasso entre oferta e demanda, a ser saciada via aumento de importações ou ajustamento de preços, isto é, inflação. Assim, a opção do governo de aumentar a taxa básica de juros ao invés de reduzir seus gastos pode ser fatal a esse ciclo de expansão econômica que o país vem presenciando.*

* Fonte de dados: IBGE e BACEN.